

## IA PALAVRA HABITADA: A SACRALIDADE DO TEXTO EM CULTURAS ORAIS<sup>1</sup>

**Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos**

Livre-Docente em *Cultura & Educação* da Faculdade de Educação – USP  
 Pós-Doutoramento em Hermenêutica Simbólica pela Universidad de Deusto (Bilbao)  
 Professor visitante da Universidad Complutense de Madrid  
 e Universität Ramón Llull (Barcelona)  
 Doutor em Filosofia da Educação

**"Quando o Senhor quer dar a entender, Sua Majestade o faz sem trabalho nosso. Para as mulheres digo isso e aos homens que não sustentarão com suas letras a verdade (...) uma palavra Sua terá em si mil mistérios e, assim, Seu princípio nós não entendemos (...) O que pretendo é que, assim como é um presente para mim o que o Senhor me dá a entender quando algo D'Ele ouço, dizê-lo a vós, vos consolará como a mim."**  
 (Santa Teresa, *Conceptos del amor de Dios*, I, 1-2.8).

Se podemos compreender, inicialmente, um texto como um tecido tramado de fios e urdiduras com *palavras* que, desta forma, dão sentido e significado a uma imagem ou idéia estampados sobre a trama; este tecido complexo se estabelece a partir de determinadas regras gramaticais (combinações corretas das funções das palavras) e sintáticas (regências corretas de modo e tempo), além de influências também pragmáticas (comunicação concreta com os outros), como se os fios obedecessem às regras do tear. Obedecidas estas regras, seria possível entender a imagem ou idéia veiculada pelo texto. A isto chamamos de interpretação, *hermeneusis*, em grego. A parte da filosofia que se debruça sobre esta temática é a hermenêutica nas suas mais variadas escolas.

De outro lado, podemos dizer que além destas combinações de palavras num tecido, o texto pode ser entendido também como tessitura, como se diz em teoria musical: combinações sonoras de timbres, freqüências e tons que se harmonizam entre si. Seu efeito não seria apenas semântico, no sentido de comportar significações, mas comportaria, igualmente, um valor estético, uma fruição sonora que mobiliza nossos sentidos auditivos e vibracionais. Esta é uma experiência que podemos sentir quando apreciamos a declamação poética de um poema ou a leitura dramática de um texto teatral. Há uma musicalidade no texto que nos envolve e no qual, dependendo de nossa sensibilidade, podemos perceber a intrínseca harmonia sonora com seus significados professados pelas palavras.

Quando esta percepção se dá fora do quadro cotidiano de nossas atividades rotineiras, somos (no mundo ocidental) interpelados por uma estranha sensação de que algo foi "tocado" em profundidade. Estamos diante de um texto sagrado, religioso, no seu sentido mais etimológico: que nos *re-liga* (*re-ligare*) a uma dimensão mais profunda e divina. Ele nos revela algo que se encontra em nossas próprias entranhas, mobilizando nossas memórias mais ancestrais, nossa memória, não de indivíduos, mas nossa memória humana. Assim, podemos re-ler (*re-legere*) o mundo a nossa volta e tentar melhor compreendê-lo e a nós próprios.

A *tradição*, em grego **parádoxis**, que pode se ensinar (**paideía** ou **didaskalía**) de geração em geração, não se confunde com o próprio ensinamento. Neste sentido, a tradição é a permanência de determinadas posturas e atitudes num determinado grupo para além das gerações. A reverência à revelação contida num determinado texto que reafirma posturas e atitudes, se desdobrando em seu louvor, na sua contemplação e no seu serviço ritual, fazem do texto, um texto sagrado, pois é a reverência, o louvor, a contemplação e a devoção que constituem a sacralidade do texto. Assim ocorre com a maioria das comunidades do Livro: a

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado como FERREIRA SANTOS, Marcos. "A Sacralidade do Texto em Culturas Oraís". *Diálogo* – revista de ensino religioso, IX, 2004, agosto, n.o 35, p.14-18.

Bíblia dos cristãos, a Torah dos judeus, o Alcorão dos muçulmanos, os Vedas dos hindus. A tradição estabelece uma ética e o ensinamento perpetua esta ética em seus procedimentos religiosos.

- **Sobrevivência do oral (logoesfera, grafoesfera e videoesfera)**

Segundo o estudioso Régis Debray, parceiro de Ernesto Che Guevara na guerrilha boliviana, em seu *Tratado de Midiologia* (1991), estudando os suportes da informação, nos diz que a primeira forma de transmissão de conhecimento era dada pela tradição oral em que o valor da palavra era fundamental. Neste período que atravessa a pré-história humana até a invenção da imprensa por Guttemberg, a forma de transmissão oralizada também valorizava elementos que acompanhavam a palavra proferida: a retórica, a declamação, a narração dramática, o vigor ou o carinho das entonações. Este período é denominado por Debray de *logoesfera*. O momento seguinte, a *grafoesfera*, é a dimensão da palavra impressa e o surgimento do livro e das grandes bibliotecas de papel impresso que, ao contrário das ancestrais bibliotecas de papiros e tábuas de argila ou pedra como a de Alexandria, possibilitavam armazenar um número jamais imaginado de informação e saber. Talvez, por isso, o potencial de poder associado à palavra escrita impeliu a Igreja Católica a confinar os escritos pagãos (gregos, árabes e orientais) aos monastérios e aos cuidados de monges copistas que evitavam que tal conhecimento chegasse à cidade dos homens. Esta grafoesfera é a dimensão que incute na civilização ocidental a valorização do livro e, por conseguinte, reforça a propagação das religiões das comunidades do Livro. Seus valores são a erudição, o estudo, o domínio das línguas e o exercício exegético.

Ainda na perspectiva de Debray, a revolução dos estudantes em maio de 1968, na França, sinaliza o início da última dimensão que vivemos, a *videoesfera*. É a época da rápida transmissão de informações por suportes virtuais de alta tecnologia: rádio, televisão, cinema, vídeo, transmissões via satélite, internet e super-info-vias. A acumulação de informação e sua disponibilização modificam, drasticamente, a relação do homem contemporâneo com a palavra e com a imagem que, segundo alguns especialistas, se banalizaram pela abundância e perderam seu poder mobilizador.

No entanto, mesmo neste quadro de avanços tecnológicos percebemos, contraditoriamente, o avanço das religiões das comunidades do Livro. Tanto o cristianismo, como o judaísmo, o islamismo, como o hinduísmo tem se propagado como nunca antes na história da humanidade. Além disso, se começa a ter notícias de culturas tradicionais que permanecem vivas no Oriente, na Polinésia, na Ameríndia e que também mostram sinais de recuperação ou de estagnação nas taxas de extermínios e extinção. Algumas, inclusive, *ágrafas*, ou seja, que não possuem escrita. A notícia de sua existência, após o período de surpresa e do caráter exótico do estranhamento que temos, vai nos indagando sobre a permanência destas tradições orais na contemporaneidade.

- **A potência da palavra**

Estas culturas tradicionais nos faz perguntar sobre a nossa própria cultura. É, precisamente, no contato intercultural que, diante da alteridade, podemos estruturar nossos processos identitários. Para tanto, temos que relativizar nossos etnocentrismos bem como problematizar nossas indiferenças. Se, como advertia, Joseph Campbell, "*o mito é a religião dos outros*", precisamos repensar a forma e os critérios que adotamos para pensar e tentar compreender as formas religiosas de outras culturas com as quais temos contato, como forma de enriquecer a nossa própria religiosidade.

Se como o mitólogo e historiador de religiões romeno, Mircea Eliade, tentamos ultrapassar a divisão imediata entre o sagrado e o profano, podemos ver que no mais profano e cotidiano pode emergir um fenômeno religioso, bem como no quadro das mais variadas religiões vemos, com frequência, posturas profanas e burocráticas na repetição gestual e sem sentido dos mais variados rituais. Isto nos auxilia a compreender que é preciso tentar entender o fenômeno religioso de outras tradições no interior desta tradição e segundo os seus próprios procedimentos religiosos e não sob o prisma dos nossos.

Desta forma, é que podemos tentar assinalar algumas características do texto sagrado na tradição oral: entre eles, a potência da palavra, a destinação dos nomes, o poder constituinte do verbo e a estruturação musical da transmissão.

Exatamente, pelo seu caráter oral e efêmero, sendo ensinado de geração a geração através da narração de seus valores, feitos e entidades numinosas, que a tradição oral se perpetua até os nossos dias. Ao contrário do que poderíamos pensar: se não há registro escrito da tradição e do texto, ele se perderia no esquecimento dos séculos. Esta é uma conclusão permeada de valores de erudição centrada na concepção religiosa da grafoesfera. Resultado de nossos etnocentrismos.

Tomemos como exemplo a experiência religiosa guarani (na região sul do continente) ou quechua (ao longo da cordilheira dos Andes) e mesmo algumas tradições afrodescendentes.

Entre as três tradições aqui mencionadas é comum o reconhecimento da potência da palavra. Isto quer dizer: a palavra é a energia que constitui todas as coisas. Correlato da máxima genético-cristã: "*no princípio era o Verbo*", o verbo se faz carne e materializa as coisas. No entanto, nestas tradições (de maneira geral), o verbo é autônomo em relação a seu proferidor. Nós somos os portadores da palavra e não seus produtores. Por isso a aprendizagem da palavra e da língua é fundamental para a constituição da cultura. É dádiva divina o poder de nomear as coisas. Maldizer alguma ou alguém é uma violação das leis divinas e passível de castigo. Na nação guarani, é o poder da palavra, *ayvu rupyta*, energia que acompanha a palavra e que é responsável pela constituição de tudo no mundo. A manifestação desta energia na nomenclatura das coisas é *ñe'ë*, ou seja, a *palavra habitada*; donde a *ñe'ëng*, que resulta na *palavra-alma* que representa a parcela do Criador, *Ñamandú* ou *Ñanderuvusu*, presente em todas as coisas nomeadas. Por fim, se depreende a importância de *ñe'ë porã*, o canto como fala sagrada que institui as *ñe'ë porã tenondé* que podemos entender como as "*primeiras belas palavras*", ou ainda, como "*palavras adornadas*": "*É uma presença viva que, por sua vez, vivifica ao que canta e ao que ouve. O sentido aqui não se entende: se vive*", dizem Uruguay Cortazzo e Werá Jecupé.

Entre os quechuas andinos este poder da palavra é conhecido como *Con*, também parcela do nome do criador: *Con Tijsi Illa Wuiracocha*. *Con*, é o nome onomatopéico, como a própria estrutura da língua quechua, que faz referência ao poder do raio e, curiosamente, também à raiz. Os portadores do espírito da palavra se chamam de *apu* e convivem com as pessoas ensinando-lhes e protegendo-lhes. Uma característica da experiência religiosa quechua, além do poder da palavra, é a estrutura aprendente da própria pessoa. O ser é um ser-aprendente, aprendiz. Está, continuamente, aprendendo. E, na medida em que aprende, se constitui como mestre. Mestre-aprendiz.

Já na tradição afrodescendente, de matriz yorubá, esta energia da palavra é o *axé*. Energia, a ser reverenciada, que impregna todas as coisas, palavras e objetos, pessoas e lugares. Por isso, sua fruição é importante para evitar as desordens no mundo material causadas pela falta de energia. Cada saudação tem o seu poder especial e é orientada por uma entidade numinosa, um orixá específico. Como eles se fazem representar nos elementos naturais e deles são constituídos, há uma intrínseca ligação entre a palavra e a natureza, harmonizando a pessoa, no fenômeno religioso e em suas expressões.

### **O canto**

Esta potência da palavra se desdobra na nomeação das pessoas. Seu nome de batismo é a palavra-destino que sintetiza sua sina no mundo. Vivemos, segundo os guarani, para cumprir o destino de nossos nomes. Portanto, os rituais de batismo são muito importantes. Não se dão num contexto de conversão (metanóia), mas de revelação. Em especial, entre os guarani, o nome é revelado antes em sonho. No ritual batismal, o nome guarda o destino da pessoa que viverá para tal mister. Entre as heranças afrodescendentes, na tradição zulu, também a indicação do xamã se faz através do sonho, o *sangoma* (geralmente, feminino), é avisado pelos ancestrais, através do sonho, que passará a curar a aldeia e cuidar dela. Os *sangoma* são pessoas "*escolhidas*" pelos espíritos ancestrais para a tarefa de conduzir a saúde espiritual da comunidade. Não se é *sangoma* porque se quer. Os futuros *sangomas* são visitados no meio da noite pelos espíritos ancestrais e, desta forma, não conseguem dormir pelas transformações internas e pela responsabilidade perante a comunidade. Um canto característico desta fase da escolha do *sangoma* é *Angilalanga* ("*Eu não durmo*").

Seu caráter solidário e fraternal, além do aspecto medicinal, baseia-se, sobretudo, no respeito à ancestralidade. Uma das canções para a invocação dos espíritos ancestrais chama-se *Ihoyiya* ("invocação"), utilizada quando alguém está sob possessão ou se invoca a cura de algum doente. Outra canção diz: "*wamemez'Umngoma, ndiyagula ndinani na? Ndinenhloko ndinehlaba, ndiyagula ndinani na?*" (*ndinani na = O que eu tenho?*). O doente solicita ao sangoma que, pela intervenção dos ancestrais, diga o que ele tem, qual a origem de suas dores. Toda a comunidade invoca aos ancestrais que iluminem o sangoma para a cura

Portanto, a característica principal é a forma privilegiada de transmissão do saber ancestral e das expressões religiosas, por excelência, nas tradições orais: o **canto**.

É, prioritariamente, através do canto que os mitos de origem, os feitos dos deuses, a signficção profunda dos nomes, a revelação do devir, a memória do passado primordial é ensinado. É através do canto que as *ladainhas d' alma* (expressão de Gaston Bachelard) se perpetuam na sensibilidade das pessoas e as coloca em contato com a dimensão numinosa da existência, dando-lhe sentido e significado. Rubem Alves diz que não é a dor que desestrutura a personalidade humana, mas a falta de sentido de sua existência. Neste termos, o canto é a forma como este sentido invade a existência e a coloca em diálogo com as forças da natureza, do entorno da comunidade e com a própria comunidade. O canto é a estruturação musical da palavra, portanto, organização temporal de ritmos, freqüências e timbres que demonstram a profunda tessitura da palavra.

A despeito de nossa história ocidental escrita e impressa em livros, deste o ano de 1450, nos tipos revolucionários de Gutemberg, portanto, há cerca de 550 anos; há cerca de outros 5.000 anos de cantos que são entoados e que garantem a permanência da tradição religiosa e seu ensinamento, seja do muezim do alto de seu minarete islâmico, seja do xamã quechua no vento forte dos Andes, seja do pajé guarani no pampa, na serra ou no litoral, ou da iyalarixá.

O que se sucede ao canto, através da potência da palavra, é o momento sublime de re-encontro com o sagrado: o *silêncio*. Contemplação silenciosa do momento de diálogo profundo entre os mil mistérios da revelação e a presença numinosa em nossa alma, presente sagrado na consagração do canto. Por isso, dizia Santa Tereza em nossa epígrafe: "*o que o Senhor me dá a entender quando algo D'Ele ouço, dizê-lo a vós, vos consolará como a mim.*"

***Dedicado a Luiz Jean Lauand, arabista e medievalista,  
leitor apaixonado de Tomás de Aquino,  
na busca comum das sendas e do canto da memória  
a este grande esquecedor que é o humano.***

**TEXTO-BASE:**

FERREIRA SANTOS, Marcos (2005). ***Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi***. São Paulo: Editora Zouk, 2ª ed.  
Informações: [www.editorazouk.com.br](http://www.editorazouk.com.br)